

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NO SISTEMA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE IRAUÇUBA-CE

Jaqueline Negreiros¹ (UVA)
jaque.negreiros@hotmail.com
Adriana Campani² (UVA)
adrianacampani@yahoo.com

RESUMO

O artigo tem o propósito de analisar e identificar as expectativas dos professores da educação básica do município de Irauçuba – CE sobre a educação contextualizada e as experiências pedagógicas desenvolvidas pelos mesmos. A pesquisa segue por meio de dois procedimentos metodológicos que se complementam, o primeiro ocorre com estudos teóricos acerca de Santos (1996), para a compreensão de conceitos fundamentais ao aprofundamento teórico, tais como: ecologia de saberes, conhecimento pluriversitário e de Martins (2004) e RESAB (2004) sobre educação contextualizada. A segunda parte se apoia em entrevistas semiestruturadas junto aos professores responsáveis pelas experiências de práticas pedagógicas contextualizadas no sistema de ensino. Constatamos que educação contextualizada é concebida como um processo dinâmico de construção do conhecimento e atitudes dos seres humanos, considerando o ambiente o qual está inserido e ainda é uma prática embrionária desenvolvida pelos professores.

Palavras-chave: Educação contextualizada; Formação docente; Universidade.

INTRODUÇÃO

A educação contextualizada surge em um ambiente repleto de reflexões sobre o papel da escola e a falência dos métodos aplicados pelo sistema educacional tradicional. A escola é vista muitas vezes, apenas como reprodutora do conhecimento formal e previamente elaborado, como uma espécie de laboratório para, tão somente, imputar e promover os alunos sem, contudo, levar em consideração o seu aprendizado.

¹ Graduada no Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

² Professora Doutora do Curso de Pedagogia da UVA e orientadora do trabalho.

A contextualização da educação é de fundamental importância para a compreensão dos professores sobre os processos de saberes desenvolvidos pelos alunos. O primordial da escola é propiciar que os mesmos se desenvolvam dentro de uma visão humanística e cidadã, que os tornem protagonistas e produtores de conhecimentos. O processo educacional, seja ele formal ou informal, deve levar em consideração o fazer a história, o cotidiano das pessoas envolvidas nesse processo cultural, social, econômico, conhecendo seu contexto.

Este artigo se propõe analisar e identificar as expectativas dos professores da educação básica do município de Irauçuba-CE sobre educação contextualizada nos cursos de licenciatura da UVA e as experiências de práticas pedagógicas desenvolvidas por eles. Despertou-nos o interesse de analisar e identificar os desafios que precisam ser superados pelos professores na perspectiva de construir práticas pedagógicas contextualizadas que valorizem as experiências e os saberes dos professores e alunos, pois estamos localizados em uma região do semiárido e percebemos que as escolas ainda não contemplam seu contexto.

Os instrumentos utilizados foram pesquisa qualitativa, os sujeitos são professores da rede pública do município de Irauçuba-CE que estão cursando Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência Solidária e Sustentável com o Semiárido Brasileiro. Optamos pelos professores que já têm algumas experiências de práticas pedagógicas para nos conceder entrevistas semi-estruturadas com o intuito de analisar: a sua concepção de educação contextualizada na escola, a importância, as experiências pedagógicas, os conhecimentos necessários para desenvolver educação contextualizada, os conhecimentos adquiridos nos cursos de graduação e de que maneira a universidade pode está desenvolvendo formação para uma educação contextualizada.

1 A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

1.1 Função social da Universidade

No século XIX, período do capitalismo liberal a centralidade da universidade ocupa lugar privilegiado de produção de alta cultura e conhecimento científico. Há uma grande exigência sobre o trabalho universitário, excelência de seus conhecimentos produzidos

culturais e científicos, o espírito crítico, a criatividade intelectual, autonomia e o universalismo dos objetivos que fizeram da universidade uma instituição única, portanto, isolada das outras instituições sociais, detentora de grande prestígio social e considerada imprescindível para a formação das elites. A partir dos anos sessenta entrou em crise passando por relativa dissintonia com as exigências sociais.

Segundo Santos (1996) a universidade encontra-se em contradição com sua função social, de um lado, a produção de alta cultura, pensamento crítico e conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos, necessários à formação das elites de que a universidade se tinha ocupado desde a Idade Média européia. Do outro, a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão de obra exigida pelo desenvolvimento capitalista. A universidade sem mecanismo para desempenhar a função contraditória levou o Estado e os agentes econômicos a procurar fora da universidade meios alternativos para atingir seus objetivos.

A crise de hegemonia é a mais ampla porque nela está em causa a exclusividade dos conhecimentos que a universidade pretende produzir e transmitir. Há sempre uma crise de hegemonia quando uma dada condição social deixa de ser considerada necessária única e exclusiva. Essa dificuldade vem aumentando pela incapacidade de desempenhar a função de atender as necessidades da população que se apresenta cada vez mais diversificada.

1.2 A função social do conhecimento universitário

A universidade por algum tempo se dedicou a busca da verdade, concentrando-se na investigação pura. Daí o surgimento da dicotomia entre teoria e prática devido a prioridade que foi dada a teoria. Mas, entrou em crise no pós-guerra e nos anos sessenta foi confrontada com a reivindicação da universidade e o conhecimento por ela produzido na resolução de problemas econômicos e sociais. Foram feitas exigências de prática do desenvolvimento tecnológico, da crescente transformação da ciência em força produtiva, também da educação exigiram mais formação profissional, da investigação exigiram investigação aplicada.

A crise de legitimidade é provocada pelo fato da universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre hierarquização dos saberes especializados através das restrições de acesso e da credenciação das competências, por um

lado e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares. Por outro lado, para Santos (1989), a crise de legitimidade é em grande medida o resultado do êxito das lutas pelos direitos sociais e econômicos, os direitos humanos da segunda geração, entre os quais pontifica o direito à educação.

A crise institucional foi causada pela perda de prioridade do bem público universitário nas políticas públicas e pela falta de financiamento e descapitalização das universidades públicas.

A universidade no século XXI assumiu um papel importante diante da sociedade de atender positivamente às demandas sociais pela democratização da universidade, dando fim a exclusão de grupos sociais e seus saberes de que a universidade tem sido protagonista durante muitos tempos. Só há universidade quando há graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão, sem qualquer um destes, há ensino superior, não há universidade.

É preciso que haja efetivamente uma democratização do acesso e um conjunto de iniciativas que aprofundem a responsabilidade social da universidade na linha do conhecimento pluriversitário.

O conhecimento universitário- ou seja, o conhecimento científico produzido nas universidades ou instituições separadas das universidades, mas detentoras do mesmo *ethos* universitário- foi ao longo do século XX, um conhecimento predominante disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades.(SANTOS,2008, p. 34)

O conhecimento pluriversitário é contextual ocorre extra-muros, há partilha entre pesquisador e utilizadores se desenvolve em parcerias entre universidade-indústria sob forma mercantil. Santos, nos chama atenção que nos países centrais e semiperiféricos sua aplicação tem sido não mercantil, mas através de cooperação solidária.

A universidade detentora do conhecimento científico considerado único e válido, contribui para a desqualificação e mesmo destruição do conhecimento não-científico e com isso a desvalorização de conhecimentos subjetivos. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.

A ecologia dos saberes é um aprofundamento da pesquisa-ação. É algo que implica uma revolução epistemológica no seio da universidade e, como tal, não pode ser decretada por lei. A reforma deve apenas criar espaços institucionais que

facilitem e incentivem a sua ocorrência. A ecologia dos saberes é, por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, africanas, orientais, etc.) que circulam na sociedade (SANTOS, 2008, p.53).

Entendemos que a ecologia de saberes é uma extensão invertida. Ocorre uma troca de experiências entre comunidade, discentes e docentes, e através dessa troca de experiências tem-se a possibilidade de criar novos saberes.

1.3 O conhecimento universitário para uma educação contextualizada

Educação contextualizada é uma educação que compreende o contexto, com suas problemáticas e potencialidades, que é preciso ser tematizada na escola, espaço de oportunidades para a ampliação e socialização dos conhecimentos e saberes diversos.

Educação contextualizada é descolonização dos saberes que foram impostos pela cultura europeia dominante, para a construção de um currículo descolonizado, por um contextualizado. Descolonizar o currículo passa por romper com seu caráter preconceituoso, que desconsidera as potencialidades do semiárido, pois os livros didáticos que circulam na nossa região reforçam essa imagem negativa da região, do sujeito que vive no semiárido que é visto como o “matuto” ou como um “sujeito sem saber”. É preciso descolonizar essas ideias e imagens.

A contextualização é, antes, um problema de ‘descolonização’. É uma questão de romper com uma forma de nomeação operada ‘de fora’ que sequer dá tempo suficiente para que os sujeitos possam organizar uma auto-definição e uma auto-qualificação. Antes disso, porém eles já estão nomeados qualificados, representados numa caricatura na qual sequer podem se reconhecer(...) será sempre tecer o movimento de uma rede que concentre o esforço em soerguer as questões ‘locais’ e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial, ao status de ‘questões pertinentes’ não por serem elas ‘locais’ ou ‘marginais’ mas, por serem elas ‘pertinentes’ e por representarem a devolução da ‘voz’ aos que a tiveram usurpada, roubada, negada historicamente. (MARTINS 2004, p.32-34)

Entendemos educação contextualizada como uma educação que considera o contexto, a convivência onde se relacionam aspectos como à cultura, à comunidade, aos valores e representações das subjetividades humanas, e não apenas ao que é científico e palpável.

Educação contextualizada pauta-se pelos seguintes princípios pedagógicos como valorização do cotidiano e seu contexto local, compreensão histórica, sócio-política, cultural, econômica, dialogo entre os sujeitos e comunidade, troca de experiências e saberes. Esses princípios estão relacionados com o conhecimento pluriversitário de Santos (2008) que é um conhecimento contextual, é o que defendemos nas práticas pedagógicas, contextualização dos conteúdos e qual aplicabilidade que lhe pode ser dado, e que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimentos.

2 ANÁLISE DOS DADOS

Selecionamos 09 (nove) sujeitos que compõem o quadro de docentes da rede pública de educação básica do município de Irauçuba que estão cursando Especialização em Educação Contextualizada para Convivência Solidária e Sustentável com o Semiárido realizado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA e que já possuem alguma experiência de práticas pedagógicas em educação contextualizada com o seguinte perfil:

Sujeito	Idade	Formação	Experiência na Educação Básica
A	39 anos de idade	Pedagogia	11 anos
B	28 anos de idade	Biologia	6 anos
C	32 anos de idade	Geografia	14 anos
D	32 anos de idade	Pedagogia	16 anos
E	44 anos de idade	Língua portuguesa	21 anos
F	38 anos de idade	Matemática	12 anos
G	36 anos de idade	Língua portuguesa	14 anos
H	39 anos de idade	Geografia	23 anos
I	29 anos de idade	Química	3 anos

A educação contextualizada surge como uma proposta metodológica para os educandos avançarem na busca de desenvolver a vida na região e por uma educação em que a cultura seja um instrumento primordial no processo educacional. Na visão da RESAB (2004) a educação contextualizada na escola baseia-se na compreensão de uma educação que considere o contexto como uma forma de habitat onde se relacionam ecologias que dizem respeito à cultura, à linguagem, às formas de comunicação e representações das subjetividades humanas, e não apenas ao que é visivelmente concreto e palpável.

Foi nessa perspectiva que as falas dos professores se apresentaram. Educação contextualizada é aquela educação que contempla o contexto em que o aluno está inserido valoriza os conhecimentos prévios dos alunos, para que os mesmos possam compreender e ter uma visão do local como do global.

Dos professores entrevistados, oito entendem que educação contextualizada é uma educação que compreende os aspectos físicos, sociais, econômicos, culturais da realidade em que o aluno está inserido, para que eles possam conviver com seu local e com o global, é uma educação voltada para a vida deles é uma forma de está envolvendo os alunos com atividades locais. É uma educação que valoriza os conhecimentos prévios que os alunos adquirem no seu dia a dia e que traz para os mesmos na sala de aula esse cotidiano de uma maneira mais eficiente.

“Entendo que é uma educação em que forma os educandos dentro dessa vivência que eles saibam conviver no lugar deles, mas que não seja só na teoria, que seja uma educação em que eles tenham consciência... sejam conscientes tanto pra viver no local, como no global”.(Prof. C)

Um dos professores relatou que educação contextualizada é uma linha de proposta boa de ser trabalhada, porque enquanto não se falava em educação contextualizada era impossível de se trabalhar.

“É uma coisa muito boa que as pessoas, os governantes, gestores estão trabalhando por essa linha, porque enquanto não se falava de educação contextualizada a gente não tinha como trabalhar nesse sertão seco, nesse semiárido nordestino e assim a partir do momento que se fala da educação contextualizada aí começa a ter novas visões”. (Prof E)

Os respondentes nos relataram sobre a importância da educação contextualizada na escola, pois é uma maneira de envolver os alunos com a realidade deles para que os mesmos possam perceber as potencialidades que existem no semiárido, quando os conteúdos são contextualizados eles participam e interagem com os conhecimentos que possuem e se sentem importantes percebendo que o que ele faz é interessante e pode ser transformado em saberes, é um processo de conscientização de compreender o local para melhor compreender o global e também uma valorização da cultura local para os alunos não priorizarem o que vem de fora.

“É muito importante principalmente agora com essa rede de informações que os alunos têm, eles dão mais importância às coisas de fora, do que o que eles têm aqui... então, assim... mais do que nunca é indispensável trabalhar a educação contextualizada é necessário”. (Prof G)

Martins e Lima (2001) sugerem que seja realizado um trabalho de descolonização da educação por meio da construção de uma educação contextualizada que favoreça um diálogo permanente entre conhecimento científico e saber popular, entre o que se aprende na escola e a possibilidade do desenvolvimento humano sustentável.

Os professores quando questionados sobre experiências desenvolvidas em educação contextualizada nos relataram que são constituídas com base nos valores da cultura local que tem dado um novo sentido à educação no semiárido, tornando-as mais significativas para alunos e professores, mas não desenvolvem projetos em si, os conteúdos eles mesmo adaptam de acordo com o contexto local, pois não recebem orientações de como trabalhar, são experiências adquiridas em associações, organizações não governamentais e da convivência mesmo com o semiárido.

“A experiência não é aquela coisa formal até porque nunca tive uma orientação voltada bem para isso, mas agente trabalha, por exemplo, aqui na associação há muitos anos na qual eu sou fundadora, aí agente trabalha muito a questão de valorizar o lugar, de conhecer a realidade local”. (Prof C)

Com base nessa análise, torna-se imprescindível desenvolver e criar, nos processos de formação de professores, espaços que deem oportunidades para eles demonstrarem os saberes e as habilidades que cada um carrega consigo e que foram apreendidos nas relações humanas e construídas nos grupos sociais.

Os entrevistados falaram dos tipos de conhecimentos necessários para desenvolver uma educação contextualizada. Todos relataram a necessidade de um suporte teórico de criar condições para que o aluno possa fazer uma leitura crítica dos conteúdos expostos nos livros didáticos. Na visão dos sujeitos, a maioria desses é focada numa visão de mundo descontextualizada, onde os elementos descritos não condizem com a realidade sócio-cultural do aluno.

No olhar de LIMA (2008), os docentes necessitam ser capacitados para o desenvolvimento de processos educativos que tenham a problematização, a reflexão crítica e a investigação como eixos políticos-pedagógicos norteadores de sua ação educativa. Os processos devem ser desenvolvidos e construídos de forma que os professores e alunos possam coletivamente discutir sobre os aspectos sociais, políticos e econômicos que perpassam sua vida.

Propomos aos respondentes que sugerissem como poderíamos está desenvolvendo educação contextualizada nos currículos escolares. Dos nove entrevistados, oito dizem que é possível adequar os currículos ao contexto local, como resgatando a história local, social, econômica adaptando a todas disciplinas de forma contextualizadas e que o material pedagógico fosse específico para a realidade de cada região. E um dos interlocutores diz que é necessária uma disciplina específica para desenvolver educação contextualizada.

“Eu preciso ter mais um direcionamento, uma orientação teórica no sentido da prática a gente tem, mas, não tenho um conhecimento teórico aprofundado sobre educação contextualizada, não tenho embasamento, eu preciso mais desse conhecimento de estudos teóricos. Os livros didáticos não condizem com a realidade dos meninos, por exemplo, se tivesse material direcionado para cada região, em Irauçuba a gente conhece mais plantas de outro estado do que da própria Irauçuba, os rios, várias outras questões, as crianças tem muito mais conhecimentos de fora, do que da própria realidade. Então seriam assim materiais direcionados para a realidade”. (Prof C)

“Pelo meu gosto que tivesse uma disciplina que trabalhasse exclusivamente com educação contextualizada”. (Prof E)

Quando perguntados sobre os conhecimentos adquiridos de educação contextualizada na universidade, foi unânime a posição de que há necessidade da universidade promover uma formação contextualizada com a nossa realidade. Para alguns, durante o curso de graduação, nem foi citado algo referente à educação contextualizada. Um

dos professores citou que participou de um curso sobre semiárido, mas na graduação mesmo não foi abordado nenhum tema sobre contextualização. Entretanto, a universidade está localizada em região semiárida e os cursos de licenciaturas não abordam conteúdos contextualizados. Um ou outro professor que fala algo contextualizado, mas não é uma prática permanente.

“Bem eu fiz o curso Escola e Vida para o Semiárido o que mais marcou foi a questão de aprender a conviver com o semiárido... Mas, na graduação mesmo nem era citado como se trabalhar educação contextualizada, assim para quem já tem certa experiência trabalha mais nem sabe que educação contextualizada”. (Prof.A)

“Eu não aprendi quase nada o que tem é uma ou outra disciplina com alguns professores que você sabe que ele tem mais consciência das coisas e que ele discutiu algumas práticas contextualizadas”. (Prof.G)

Na fala dos professores é perceptível o que Santos (1996), nos fala como a universidade encontra-se sobre a função social, de um lado a contradição entre a produção de alta cultura e de conhecimentos exemplares necessários à formação das elites de que a universidade se tem vindo a ocupar desde a Idade Média, do outro e a produção de padrões culturais médios para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo desenvolvimento industrial.

Os professores quando questionados sobre como a universidade poderia contribuir para uma educação contextualizada, afirmam que ela poderia incentivar os professores a produzir seus próprios instrumentos e discursos, estimulá-los a refletir sobre os problemas e as necessidades de uma prática condizente com as necessidades dos alunos desenvolvendo pesquisas, promover eventos como fóruns, palestras, oficinas pedagógicas.

Ao concluírem que há certo distanciamento da universidade com a realidade escolar, sugerem que a mesma precisa envolver a sociedade civil e comunidade acadêmica na construção de uma proposta de educação contextualizada no semiárido, com uma participação que seja efetiva e processual, em que os sujeitos sejam protagonistas na construção das diretrizes políticas e pedagógicas que nortearão as ações na universidade e nas escolas, promovendo formação continuada para os professores, pois eles sentem grande necessidade de suportes teóricos.

“Deveria dar incentivos, por exemplo, com bolsas de pesquisas para os alunos estarem mesmo em contato com a realidade e assim eles perceberem as necessidades e desenvolverem soluções, no nosso caso se fosse feito estudos para elaboração de material didático de acordo com as nossas necessidades e realidade seria muito bom”.(Prof H)

Na perspectiva de Santos (1996), uma das maneiras de desenvolver educação contextualizada é através do conhecimento pluriversitário é um conhecimento transdisciplinar que, pela própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimentos, assim haverá uma reconfiguração de saberes, entre saberes científicos e sociais. A sociedade deixa de objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações à ciência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constamos que os procedimentos de ensino de educação contextualizada são embrionários nas práticas pedagógicas nas escolas. Os professores sentem necessidades de suportes teóricos para desenvolver as práticas pedagógicas, os materiais pedagógicos não contemplam o contexto local. As experiências em educação contextualizada foram adquiridas em instituições não governamentais.

A universidade nos cursos de licenciatura ainda não despertou para a importância de formar os professores para estarem atuando no semiárido, com conhecimentos contextualizados. Portanto, o primordial é a universidade começar a contribuir promovendo educação contextualizada, com formação continuada para os profissionais tanto da educação como das outras áreas, pois, estamos sentido a necessidades de educação contextualizada nos demais campos.

Uma das formas da universidade está contribuindo para escola básica desenvolver educação contextualizada é com projetos de extensão oferecendo suportes aos profissionais do sistema educacional, com políticas de formação continuada para os docentes voltados para os problemas práticos das escolas e das comunidades, possibilitando aos professores uma formação teórica sólida para que esses profissionais possam analisar, problematizar, interpretar e propor alternativas aos problemas de ensino embasados no exercício da ação-reflexão-ação, para que haja uma troca de saberes entre comunidade e universidade.

REFERENCIAS

LIMA, Elmo de Sousa. **A formação continuada de professores no Semiárido:** valorização experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos. 2008. 240f. Dissertação. (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semiárido.** In: RESAB. Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro-reflexões teórico-práticas da RESAB. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da RESAB, 2004.

MARTINS, Josemar da Silva e LIMA,R.A. **Educação com o pé no chão de sertão:** proposta político-pedagógica para as escolas municipais de Curaçá. Curaçá-BA: SEME/IRPAA, 2001.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & Educação.** 2a Ed. Autêntica, Belo Horizonte; 2008.

RESAB, Secretaria Executiva. **Educação para a convivência com o semiárido – referenciais teórico-práticas.** Juazeiro: Gráfica Franciscana, 2004.

SANTOS, B.S & FILHO, N. A. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova.** Coimbra: Almedina Editora, 2008.

_____. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática/ A crítica da razão indolente? Conta o desperdício.** 3.Ed. – São Paulo. Cortez, 2001.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez 1996.